



PATRIMÓNIOS (IN)COMUNS

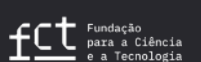
PERSPETIVAS E LEGADOS NÃO ANTROPOCÊNTRICOS
PARA FUTUROS MAIS-DO-QUE-HUMANOS

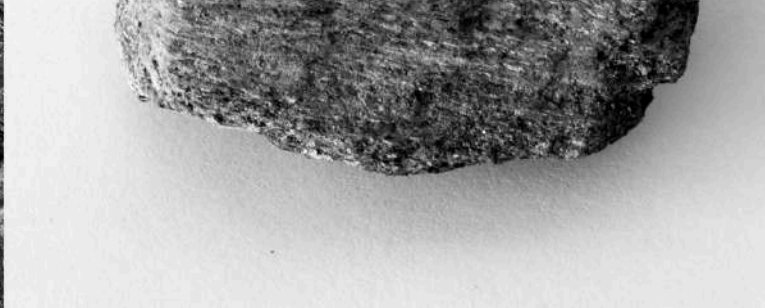
COLÉGIO DAS ARTES
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

16 e 17 OUTUBRO 2025



ENTRADA LIVRE. INSCREVA-SE AQUI
<https://forms.gle/aqhEWf93YHJJ2q178>





PATRIMÓNIOS (IN)COMUNS

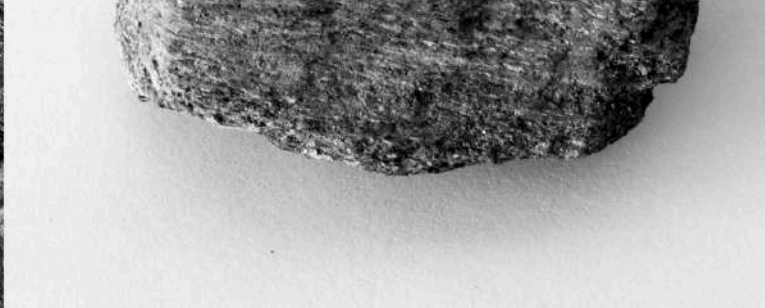
COLÉGIO DAS ARTES | UNIVERSIDADE DE COIMBRA

16 e 17 OUT
2025

PROGRAMA

Com o crescente impacto das atividades humanas no clima e ecossistemas, e os processos de degradação ambiental, que ameaçam a vida de diversas espécies, a nossa entre elas, também as fronteiras disciplinares e entre saberes se desfazem e se refazem. O Antropoceno acaba com a distinção, fundamental para as epistemologias e ontologias modernas, entre a ordem cosmológica e antropológica, entre natureza e humanidade (Latour 1994, 2017; Danowski e Viveiros de Castro 2015; Tsing 2019). Catástrofes climáticas e ambientais (secas, inundações, incêndios, extinções biológicas, águas contaminadas) intrometem-se no mundo humano e os outros mais-do-que-humanos (florestas, rios, plantas, animais, rochas, agentes atmosféricos) tornam-se atores históricos e sujeitos políticos, que as ciências sociais e humanas já não podem deixar de considerar (Danowski e Viveiros de Castro 2015; Tsing 2015,2019; Descola 2022). Geopolítica e geofísica, histórias humanas e histórias naturais articulam-se. Este Encontro do Laboratório Associado IN2PAST tem como propósito convocar, e provocar, múltiplos diálogos, entre ciências humanas e naturais, entre as ciências, as artes e a arquitetura, entre os saberes gerados na academia e fora dela, sobre paisagens mais-do-que-humanas, em diversos tempos e lugares.

Depois dos estudos, nos anos 80 e 90 do século XX, da paisagem como texto, imagem, representação, símbolo, a materialidade da paisagem tem vindo a ser recuperada com a designada “viragem ontológica”, que questiona o excepcionalismo humano e a Grande Divisão entre os domínios da natureza e da cultura (Latour 1994). Novos estudos sobre a paisagem abrem espaço para as socialidades mais-do-que-humanas e mostram como animais, plantas, rochas, agentes atmosféricos são nossos companheiros no processo de habitar e fazer mundos. As paisagens são formadas por assembleias multiespécies e materiais não vitais, por ações intencionais e não intencionais humanas e não-humanas, por entrelaçamentos históricos, apresentando-se, para Anna Tsing, como “sedimentos concretos de fluxos vitais, condições atmosféricas, sonhos, memórias e representações” (Cardoso e Devos 219: 9). Para Tsing, apesar ou devido ao sonho moderno de controlo humano sobre a “natureza”, emergem no Antropoceno novas ecologias ferais, ecologias formadas por reações não projetadas dos não humanos às infraestruturas humanas, na sua maioria, social, cultural e ecologicamente destrutivas, mas também aquelas que se apresentam como avenidas de esperança, formas de resistência, de humanos e não humanos, e modos de imaginar outros futuros possíveis para paisagens em ruína.



PATRIMÓNIOS (IN)COMUNS

COLÉGIO DAS ARTES | UNIVERSIDADE DE COIMBRA

16 e 17 OUT
2025

É através deste panorama conceptual desafiador, no âmbito do mais-do-que-humano, que nos propomos refletir. O conceito de património é assim problematizado a partir de outras perspetivas que não só o descentram dos legados e apropriações exclusivamente humanas, sociais e culturais, passadas e presentes, como nos obrigam a pensar numa ideia de futuro partilhado constituído e constitutivo de múltiplas ligações bióticas e abióticas. É de um património comum de todos, ainda que com inscrições territoriais e culturais administrativa e politicamente geridas, a que apontamos. O céu, a atmosfera, o mar, a água, a terra, o solo, o vento, o ar, as montanhas e as pedras, entre tantos outros elementos dos quais todos dependemos e cujas apropriações em termos patrimoniais (de posse e propriedade) podem fazer perigar as vidas humanas e os equilíbrios ecológicos, necessários à existência do planeta, sem o seu cuidado como património comum (de todos, incluindo todos os outros e tudo o resto para além dos humanos).

O programa do Encontro inclui comunicações e apresentações de projetos de investigação, oficina, instalações, palestras performativas e apresentação de uma plataforma multimédia.

Comissão científica:

Ana Moya (CHAIA – Universidade de Évora / IN2PAST); Humberto Martins (CRIA – Universidade do Minho / IN2PAST); Paulo Mendes (CRIA – UMinho / IN2PAST); Paulo Raposo (CRIA – Iscte / IN2PAST); Ruy Llera Blanes (CRIA – Iscte / IN2PAST); Sandra Xavier (CRIA – Universidade de Coimbra / IN2PAST); Sónia Mota Ribeiro (CRIA – NOVA FCSH / IN2PAST); Rebeca Blanco-Rotea (Lab2PT– UMinho / IN2PAST)

Comissão Organizadora:

Humberto Martins (CRIA – UMinho / IN2PAST); Paulo Mendes (CRIA – UMinho / IN2PAST); Paulo Raposo (CRIA – Iscte / IN2PAST); Ruy Llera Blanes (CRIA – Iscte / IN2PAST); Sandra Xavier (CRIA – UC / IN2PAST); Sónia Mota Ribeiro (CRIA – NOVA FCSH / IN2PAST)

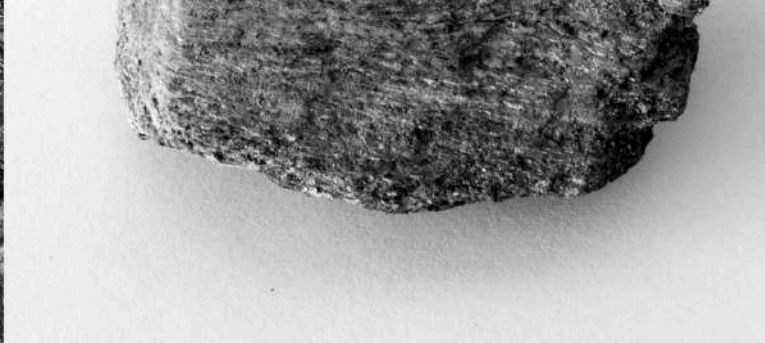
Comissão Organizadora Local:

Sandra Xavier (CRIA – UC / IN2PAST); João Marto Pereira (MAGAC, DCV – UC); Joel Gregório (MAGAC, DCV – UC); Filipe Olival (CRIA – UC / IN2PAST); Luís Quintais (Colégio das Artes/ DCV – UC)

Organização: IN2PAST – Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território; CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia; Lab2PT – Laboratório de Paisagens, Património e Território; CHAIA – Centro de História de Arte e Investigação Artística

Parceria: Colégio das Artes, Universidade de Coimbra

Apoios: CAPC – Círculo de Artes Plásticas de Coimbra; Departamento de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra; Programa de Doutoramento em Antropologia do DCV – UC; *Antropia* – Blog de Antropologia



Clique em [Resumo](#)
para acesso à sinopse

16 OUTUBRO (QUINTA-FEIRA)

14h \ Abertura do Encontro

14h30 • 15h20 \ *Alterações Climáticas: Conversa Aberta com Carlos da Câmara e Paulo Magalhães*

Carlos da Câmara • Instituto Dom Luiz, Universidade de Lisboa

Paulo Magalhães • CIJ – Centro de Investigação Interdisciplinar em Justiça, Universidade do Porto / Casa Comum da Humanidade

Anfitrião • Paulo Mendes • CRIA – Universidade do Minho / IN2PAST

[Resumo](#)

15h30 • 16h20 \ *Aspetos de uma política do sensível para paisagens mais-do-que-humanas*

Dirk Michael Henrich • Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

Anfitrião • Humberto Martins • CRIA – Universidade do Minho / IN2PAST

[Resumo](#)

17h • 17h50 \ *Ecologias de Passagem*

Miguel Duarte • Lab2PT – Universidade do Minho / IN2PAST

Anfitrião • Pedro Guilherme • CHAIA – Universidade de Évora / IN2PAST

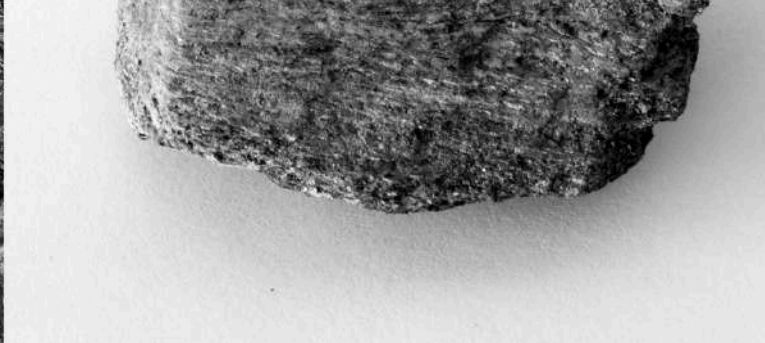
[Resumo](#)

18h \ *Vago_mundo*

Marcelo Moscheta • Colégio das Artes, Universidade de Coimbra

Anfitrião • Humberto Martins • CRIA – Universidade do Minho / IN2PAST

[Resumo](#)



17 OUTUBRO (SEXTA-FEIRA)

10h • 10h50 \ A história do fogo e o fogo na história: conceitos, métodos e resultados do projeto FIREUSES – Paisagens de Fogo

Miguel Carmo • Instituto de História Contemporânea – NOVA FCSH / IN2PAST

Anfitriã • **Sónia Mota Ribeiro** • CRIA – NOVA FCSH / IN2PAST

[Resumo](#)

11h • 11h50 \ Do trânsito à transição: ruas para um habitat comum

Ivo Oliveira • Lab2PT – Universidade do Minho / IN2PAST

Anfitrião • **Rebeca Blanco-Rotea** • Lab2PT – Universidade do Minho / IN2PAST

[Resumo](#)

12h • 12h50 \ Uma conversa bombástica sobre comunidades em torno das plantas e os seus polinizadores: as iniciativas Jardim Monte Formoso e São Flores, Coimbra

Catarina Maia • Coordenadora dos projetos *Jardim Monte Formoso* e *São Flores, Coimbra*

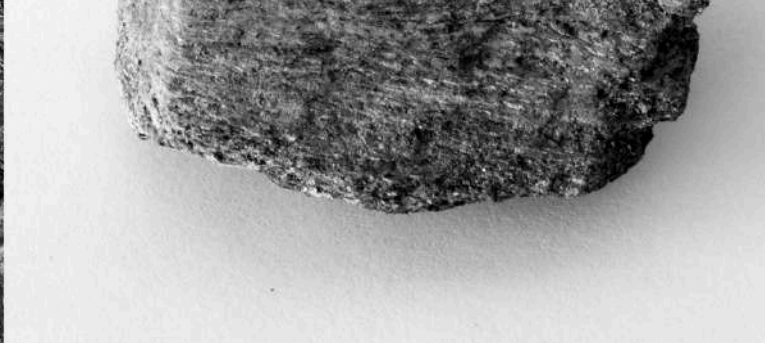
João Loureiro • Centro de Ecologia Funcional / Departamento de Ciências da Vida, UC

Anfitriã • **Sandra Xavier** • CRIA – Universidade de Coimbra / IN2PAST

[Resumo](#)

Nota: Apenas 15 pessoas poderão participar na oficina, mas todos/as os/as interessados/as poderão assistir e participar na conversa em simultâneo.

13h \ Almoço



17 OUTUBRO (Cont.)

14h30 • 15h20 \ Regeneração e revolução: removendo a terra e revelando imagens do montado alentejano

Daniela Rodrigues • ANFAA – Amidex / IDEAS – amU

Anfitriã • Sónia Mota Ribeiro • CRIA – NOVA FCSH / IN2PAST

[Resumo](#)

15h30 • 16h20 \ Vertigens metabólicas. Meditações inatuais sobre plásticos, mercadorias, ontologias e outros fetiches

António Pusceddu • CRIA – Iscte / IN2PAST

Anfitrião • Rui Llera Blanes • CRIA – Iscte / IN2PAST

[Resumo](#)

16h30 • 17h20 \ Embracing Landscapes

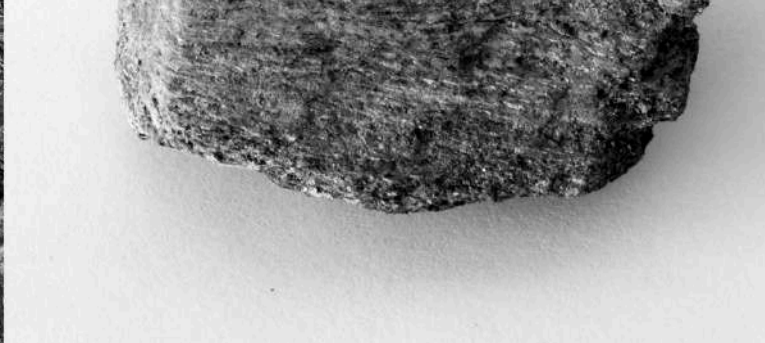
Selcen Küçüküstel • CRIA – Iscte / IN2PAST

Anfitrião • Rui Llera Blanes • CRIA – Iscte / IN2PAST

[Resumo](#)

17h30 \ Encerramento – Instalação coletiva “Restos/Rastos”

Todos os participantes • Désirée Pedro e Carlos Antunes • Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra • Paulo Raposo • CRIA – Iscte / IN2PAST



RESUMOS

Alterações Climáticas: Conversa Aberta com Carlos da Câmara e Paulo Magalhães

Carlos da Câmara, físico, e Paulo Magalhães, jurista, ambos dedicados a estudar as alterações climáticas em múltiplas dimensões, encontram-se para uma conversa sem guião. Não podemos adivinhar particulares desta conversa, mas sabemos que será profícua, intelectualmente estimulante, questionadora e aberta ao debate.

Aspetos de uma política do sensível para paisagens mais-do-que-humanas

A conversa sugerida, de preferência realizada de modo performativo e em movimento, versará sobre o que poderia ser uma resposta à crescente apropriação teórica e prática do mundo. O próprio, a propriedade e a apropriação, essência e trindade venerada e vertiginosa da modernidade, determina uma certa noção geral do património e uma determinada relação com tudo que é humano e mais-do-que-humano. Mas ao contrário disso as paisagens existem como formas do inapropriável, são formas-de-vida que podem ser destruídas, como a própria vida, mas que escapam à apropriação. Na sua integridade transformadora as paisagens figuram como matriz e possibilidades de uma política-por-vir, que é orientada para os sentidos e a sensibilidade. Como esta política deve ser desdobrada em uma política-mais-do-que-humana, que já não é mais nenhuma Política, será o tópico imprevisível em ato e fala.

Ecologias de Passagem

Esta comunicação propõe uma reflexão sobre a prática artística da caminhada como ferramenta crítica para repensar o património a partir de perspetivas ecocêntricas. Partindo da experiência do encontro internacional *The Walking Body*, e do conceito de patrimónios (in)comuns, investiga-se o caminhar como gesto estético, ecológico e relacional que permite uma escuta ativa dos territórios e das suas multiplicidades – humanas e mais-do-que-humanas.

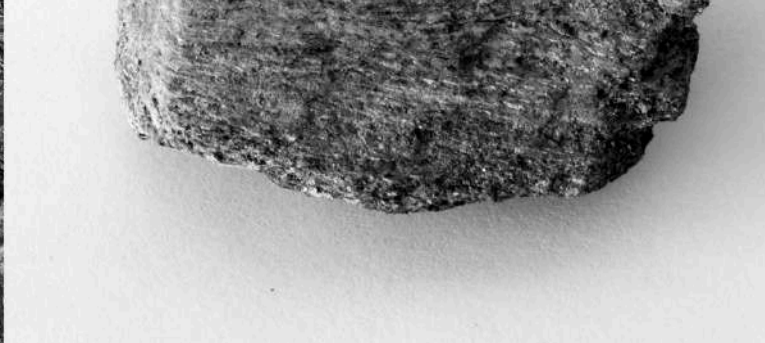
O caminhar é aqui entendido como um dispositivo sensível de leitura e copresença, capaz de ativar camadas de memória, afeto e resistência muitas vezes invisibilizadas nas narrativas oficiais do património. Em vez de fixar legados em objetos ou monumentos, propõe-se uma abordagem viva e situada, que reconhece a agência de elementos naturais, atmosferas, paisagens, ruínas, animais e outros seres com quem partilhamos o mundo.

Vago_mundo

A proposta tem como ponto de partida um conjunto de ações pré-determinadas que foram aplicadas na criação da série *Terrain vague* (2021 a 2024). Nesta série, imagens de cartões-postais antigos, comprados em mercados de pulgas em Portugal e na Europa, são alteradas a partir de três ações básicas, seguindo regras primordiais: um corte, uma dobra, uma adição.

Vago-mundo propõe que um corte diagonal determine uma rutura espacial que, apesar de sua qualidade inata como uma paisagem única e familiar, convoca o olhar para um novo rearranjo do espaço representado. O vazio, a relação com elementos externos à imagem e o reposicionamento do mundo serão o resultado do movimento aplicado sobre o recorte original, tornando-as um portal para lugares etéreos e gravidades suspensas.

Este é um chamado para desacelerar e questionar a interação com a paisagem que nos cerca. Propõe um futuro no qual a tectónica tomará o controle sobre o ambiente, tornando-nos meros coadjuvantes em um cenário que há muito deixou de ser reconhecível.



RESUMOS (cont.)

A história do fogo e o fogo na história: conceitos, métodos e resultados do projeto FIREUSES – Paisagens de Fogo

Durante cerca de três anos e meio, o projeto FIREUSES – Paisagens de Fogo, com uma equipa multidisciplinar de nove investigadores, provenientes sobretudo da história, mas também da sociologia, antropologia e ecologia, submeteu o atual regime de grandes incêndios em Portugal a uma investigação histórica sobre a sua origem e desenvolvimento ao longo do século XX. A pesquisa centrada nas serras de Monchique e da Lapa/Nave permitiu reconstruir uma história local da transformação de uma paisagem rural organizada em torno de práticas extensivas de fogo para uma paisagem florestal e industrial percorrida regularmente por grandes incêndios. O conceito de paisagens de fogo abrange, num cruzamento da história social, da história da ciência e da história do ambiente, quer a persistência e transmutação do fogo nas montanhas, quer também o universo de discursos político-científicos construídos em torno da utopia de uma paisagem sem fogo.

Do trânsito à transição: ruas para um habitat comum

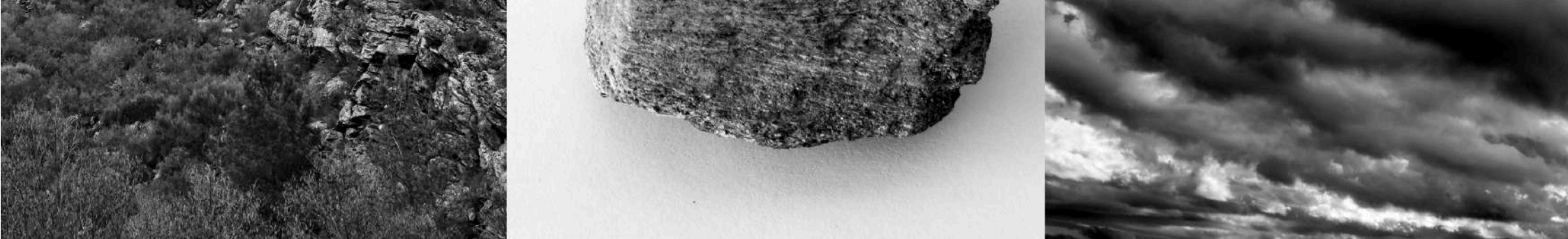
Como as ruas podem contribuir para ambientes urbanos mais sustentáveis, resilientes e ecológicos? O projeto exploratório STREET – Street Transformations, Rebalancing Ecology and Environment issues in urban Territories, financiado pela FCT, explora abordagens interdisciplinares para o reequilíbrio de três dimensões-chave da rua: ambiental, social e mobilidade. Tem como objetivos estabelecer e caracterizar indicadores de sustentabilidade que suportem a conceção de uma ferramenta de avaliação da transformação das ruas e do seu benefício potencial para o habitat comum. Como objeto de estudo, serão selecionados 20-25 projetos de ruas intervencionadas em cinco municípios portugueses, após a adoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ONU, 2015).

Uma conversa bombástica sobre comunidades em torno das plantas e os seus polinizadores: as iniciativas Jardim Monte Formoso e São Flores, Coimbra

Nesta oficina prática de 60 minutos, convidamos os participantes a pôr literalmente “as mãos na massa” – ou melhor, no papel reciclado, nas argilas e nas sementes autóctones – para criar pequenas bombas de sementes que poderão ser lançadas em canteiros negligenciados pela cidade de Coimbra. Enquanto moldamos cada “bomba”, fazemos uma conversa a duas vozes (Catarina Maia e João Loureiro) sobre o percurso e o impacto comunitário das iniciativas Jardim Monte Formoso / São Flores, Coimbra, a importância dos polinizadores nas áreas urbanas e os desafios que enfrentam, e como projetos de cidadania ativa se alinham com a visão “mais-do-que-humana” do Encontro, rompendo a dicotomia natureza–cultura e reconhecendo plantas, insetos polinizadores e pessoas como coautores do património comum.

Regeneração e revolução: removendo a terra e revelando imagens do montado alentejano

Esta instalação/ comunicação apresenta os resultados de uma investigação cinematográfica e antropológica centrada no montado alentejano. A proposta assenta numa etnografia do solo e em práticas de cinema ecológico enquanto metodologias críticas. O projeto revisita a Reforma Agrária portuguesa (1974-76), período em que milhares de hectares foram ocupados e geridos coletivamente por trabalhadores rurais, e observa projetos atuais de reflorestação e práticas agroecológicas, que otimizam a fotossíntese e a biomassa através de políticas de cooperação interespecífica. Através do cinema, procuro pôr em diálogo essa experiência revolucionária com práticas atuais de regeneração que, muitas vezes, carecem de uma dimensão política explícita. A montagem do filme procura realizar uma ideia de cinema-compostagem, onde a estrutura narrativa se organiza em camadas e ciclos, como um húmus de histórias que combina escrita, etnografia, desenho, performance e cinema analógico.



PATRIMÓNIOS (IN)COMUNS

COLÉGIO DAS ARTES | UNIVERSIDADE DE COIMBRA

16 e 17 OUT
2025

RESUMOS (cont.)

Vertigens metabólicas. Meditações inatuais sobre plásticos, mercadorias, ontologias e outros fetiches

Esta comunicação tem como objetivo refletir sobre a alienação ecológica como condição estruturante do metabolismo social das sociedades em que o modo de produção capitalista é dominante. A alienação ecológica, que ressoa, evidentemente, com a ideia da "grande divisão" entre humanidade e natureza, refere-se às consequências de relações materiais mediadas pela lógica das mercadorias, que fazem com que, mesmo sem uma visão cosmológica dualista, as condições de reprodução dos modos de vida humano sejam perigosamente alienadas das suas condições naturais. Falarei do plástico como fragmento emblemático em que se materializa essa dimensão ecológica alienada e de locais específicos de produção de plástico, onde o desafio prometeico da criação de "uma matéria que não existem na natureza" - promessa eufórica de bem-estar futuro - tornou-se numa verdadeira distopia socioecológica. Através desta reflexão em torno do plástico e da alienação ecológica, procurarei chamar a atenção para a importância da categoria do feiticismo para uma compreensão antropológica da crise ecológica contemporânea.

Embracing Landscapes

Embracing Landscapes is an interactive web project in progress which aims to show through audiovisual how Indigenous landscapes that are perceived as "wild" and "remote" for outsiders is full of life, nonhuman persons and meaning for the people living inside them. The project will be designed together with communities and indigenous artists and will show examples from two sentient geographies, Siberia and Amazons, which constitute two important regions where most theories about animism, shamanism and human- nonhuman relations derive in literature (such as Hallowell, Ingold, Viveiros de Castro, Descola). The Project will let users navigate the area on a symbolic map (an illustration draw by local artists) and show how a geographical entity such as a tree or a river is more than what it looks for indigenous communities. Each symbol on the map will represent an important cultural element or natural entity, where we see real videos, photographs, sounds, explanations and interviews from the communities. The objective of the project is to use arts and digital media in creative ways to help outsiders see natural places through the eyes of communities and understand their cultural importance.